

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador
Dr. JOÃO HILÁRIO VAZ



Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA



Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XI

Melgaço 1 de Novembro de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 130

Tribunal da Montanha

MELGAÇO E O PROGRESSO

Quando em Agosto findo passei por Braga encontrei, casualmente, numa casa de pasto, um caixeiro viajante de uma casa comercial do Porto. Depois de nos intrinsecarmos em conversa ele disse-me que conhecia, a palmos, toda a zona norte do País.

— Então conhece Melgaço, não é verdade? — perguntei-lhe como que bastante interessado no paleio.

— Tam bem como o Porto e a minha terra natal — respondeu prontamente o caixeiro. Nem só conheço a vila como algumas das suas localidades como Paderne, S. Gregório, Castro Laboreiro e outras de que agora me não recordo.

— Embora as conheça não pode fazer um exame anatómico de tudo aquilo!...

— Talvez, mas olhe que eu já há vinte e seis anos que por lá passo umas boas horas todos os anos. E por isso já vê... — Sim.

E depois da conversa ter descido a outros pormenores que escusado será apontá-los voltamos ao ponto culminante que era, sem dúvida, o nosso interesse.

— Então o Sr. conhece Melgaço há tantos anos?

— Sim, senhor. Conheci, assim o posso dizer, Melgaço ontem e conheço, também de hoje.

— O senhor gosta de por lá passar?

— Sem dúvida... Quando os meus trabalhos me obrigam a tal, sinto-me, completamente, satisfeito e em estado lá não me apetece regressar ao Porto.

— Essa... E gosta de subir até Castro-Laboreiro?

— Imenso! — retorquiu o portuense, puxando por algumas fotografias da nossa terra e dos seus... Para prova, veja... o que aí vai.

— E que lhe parece quanto ao Progresso deste termo do século?

— Melgaço tem progredido alguma coisa mas não é suficiente da época actual. Tem-se feito e continua-se a fazer bastante, mas não é tanto como se precisava. Falta muito ainda...

— E as aldeias que conhece?

— Tem progredido, por exemplo, mais S. Gregório e Castro Laboreiro do que a própria vila. Tudo é bom, mas a vila que é a sala de visitas devia levar mais uns retoques. Contudo tenho a dizer-lhe que tem progredido mais do que algumas terras do norte mas muito menos do que outras.

— E o senhor sabe-me dizer porque as aldeias tem progredido mais do que a vila?

— Não, mas se reflectir um pouco...

— Já lhe explico: é devido à grande emigração, principalmente para a França.

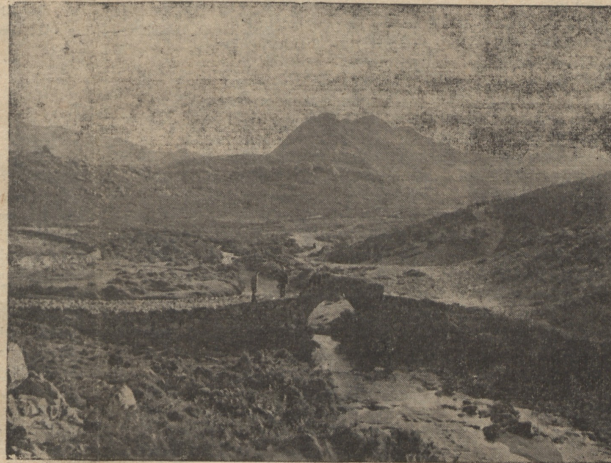
— Talvez! Eu já notei isso.

— Tem-se feito alguma coisa, mas espera-se que tanto a vila como nas suas aldeias se faça ainda muito mais, quer da parte dos populares, quer da parte das excelentes autoridades. Nós confiamos...

E com isto aproximavam-se as horas do trabalho e o trabalho terminou. Tive pena não ouvir mais coisas da nossa terra por um de fora.

Repetindo: nós confiamos em todos e por tudo para o engrandecimento dum Melgaço Maior e Melhor!

José Barreiros



Estamos em plena época da caça, de que o nosso concelho é rico, a ponto de aqui virem muitos aficionados de concelhos distantes como Porto, Braga e outros. A par com as belezas da caça, podem admirar a riqueza da paisagem, que é sem dúvida das mais belas do país. O turismo poderá ser uma das boas fontes de receita do concelho, no dia em que todos os melgaçenses o queiram

Comemoração do Armistício

A fim de celebrar o 38.º aniversário da primeira grande Guerra — 11 de Novembro de 1956 — haverá, neste dia na Igreja da Misericórdia da Vila uma missa, a celebrar às 10,30 horas, por alma dos combatentes falecidos, seguindo-se uma romagem ao cemitério, em visita às campas daqueles que ali estão sepultados.

Manuel de Barros

Este nosso querido amigo e prezado assinante, modesto funcionário do Tribunal Judicial do Peso da Regua, enviou-nos 40\$00 para pagamento da sua assinatura anual.

E diz-nos na sua carta: «Não é porque eu tenha muito dinheiro, mas sim pela falta que me faz esse jornal, pela estima que eu tenho por ele e porque reconheço que o preço da assinatura está um bocão baixo, em virtude da compensação do mesmo, para os Melgaçenses».

Obrigado, Manuel de Barros.

Gri... Gri... Gri

Para a historia do caso de Merelhe

Como é sabido, em tempos conseguiu-se o alargamento da antiga estrada, junto à capela de Nossa Senhora de Lourdes para se formar a avenida que, partindo dali, chegaria com o tempo, à corga de S. Rosendo, com o fim de embelezar o local, dando-se começo à construção do muro que vai até perto do penedo, construção que ficou suspensa, por falta de verba, e nessa fase do muro gastou-se a quantia de 600\$00, sendo zeladora da capela Filomena Douteiro.

O desleixo dalguém permitiu que aí se construísse uma casa que, a construir-se, deveria ter à porta da entrada uns 3 degraus que desapareceriam, quando fosse possível dar ao muro a altura de mais um metro, como constava do projecto.

Ora todo o terreno que, pelo alinhamento do muro foi junto à antiga estrada, ficou certamente constituindo propriedade do Estado ou da Câmara Municipal, entidades que deviam ser ouvidas para dele se apoderar qualquer pessoa, sendo previamente posto em praça.

Que me conste, nada disso se fez. Com que direito, pois?

Quer-me parecer que nada mais é que um descarado abuso, pois não é aquilo que vai encher o celeiro ou a adega de quem quer que seja.

Bom seria que alguém se occupasse de saber que direitos assistem a quem se apossou daquele terreno!

GRILLO

DA VILA

SOCIEDADE

Parada do Monte, 26

Outubro, 25.

Labéus... — O labéu de hoje está patente, aos olhos de *tutti quanti*, ali, a toda a extensão do interior do muro de resguardo da Avenida Salazar — essa feliz concepção do saudoso presidente Hermenegildo José Solheiro e realização do sr. dr. João de Barros Durães, há pouco dada como *concluída*, facto que deu ensejo a desusada festança, com muito palavreado laudatório assim como quem lega à posteridade melgacense uma realização do tomo da Pirâmide de Cheops... dos célebres jardins suspensos de Semiramis, em Babilónia... do famoso templo de Mansolo, em Helicarno... ou, enfim, qualquer outra das sete maravilhas do mundo.

E, portanto — valha a verdade — o acontecimento desapparecia de tanto fungagá... em virtude das obras constantes do respectivo projecto, e adjudicadas, como pista de rodagem para veículos, pergolas, maciços de flores, etc., etc., apenas a primeira ter sido realizada, que as demais, por não terem obtido o beneplácito de quem de direito, ficaram no papel. No entanto, com o dinheiro economizado da não realização das obras vetadas, nem ao menos se curou rebocar a cimento a parte interior do muro de resguardo daquela Avenida — algures, sobrenomeada "a nossa sala de visitas" — deixando-o tal como estava: — todo esburacado, uma vergonha permanente e patente, principalmente, aos olhos dos forasteiros que nos visitam — só dos forasteiros, pois nós, os melgacenses, desde há muito que estamos acostumados a ver estas misérias, estes labéus em nossa casa. Que ferro...!

Um menino prodígio... — Armando Carlos Lopes, o "Pineiro", é um mocinho imberbe, de 13 anos, filho de Angelina Lopes, ali de Barata, S. Paio, que se é certo ser terrivelmente refratário e adverso ao trabalho honesto e à prática dos bons costumes, em contraposição, vem-se revelando um ás, um verdadeiro menino prodígio na carreira do latrocínio.

Ora o Armandinho que como se disse é exímio na arte de ladrilhar — pois parece estar apurado contar ele no seu "palmarés" o furto de várias garrafas de vinho do Porto, uma peça de pano, algumas quantias em dinheiro, etc., etc., — há dias, teve artes de se introduzir no estabelecimento comercial do nosso amigo sr. Manuel Nunes de Castro, surripando-lhe, de certa gaveta, a bagatela da quantia de 7.000\$00, com a qual fretou um automóvel e... abalou rumo a Viana, a fim de gozar o fruto da sua proeza. Porém a G.N.R. — que no dizer dos fora-da-lei está sempre onde não deve estar... — cortou-lhe o voo, prendendo-o e apreendendo-lhe ainda 1.017\$00 em dinheiro, um relógio de pulso novo, um anel de ouro e mais umas coisas, entregando-o, com o respectivo processo, parece que ao tribunal da Tutoria da Infância, onde será julgado e lhe será dado correctivo que o faça arredar do caminho que vem trilhando para enveredar pelo da honestidade, pois, com 13 anos apenas, está muito a tempo de se tornar um verdadeiro homem de bem — útil à Pátria e à Sociedade.

A mãe também se encontra presa na cadeia desta comarca.

Pela Matriz — E' ideia assente. O nosso rev. Abade, sr. P.e Justino Domingues, dentro em breve, vai dar início aos trabalhos para a total renovação do forro da nave da igreja Matriz, obra de certa envergadura e que muito se impõe realizar quanto antes, pois ameaça cair de vetustade.

Claro que, como das demais vezes, para arrostar com tamanha tarefa, ao nosso zeloso Abade coragem não lhe falta, mas... falta-lhe o principal: — a *matéria-prima*; entendamo-nos: não a madeira, os pregos, as tintas, ou a mão-de-obra, que tudo isso — louvado Deus! — são coisas que por cá inda não faltaram, mas... mas falta-lhe o dinheiro para poder obtê-las. No entanto, também como das demais vezes, ele está confiado na incomensurável generosidade dos seus fregueses.

Caros Comparoquianos! temos nós a palavra!... E não esqueçamos o provérbio latino que diz: *bis dat qui cito dat* — duas vezes dá quem dá depressa, e isto é tão claro como a água...

O tempo e a agricultura — O corrente mês tem-nos mimoseado com tempo soberbo — dias lindos, de sol radiante, como ainda não tivemos no ano em que estamos; mal andar, portanto, todo aquele que, podendo, não o aproveite para cortar, desfolhar e enceleirar os milhos... sim, que este tempo de sol há-de ser pago, e com usura... — Aos interessados, lembramos que em Novembro po-

(Continua na 3.ª página)

Aniversários

Fazem anos: — amanhã a sr.a D. Isaura Augusta Marinho Pereira, os sr.s José Lourenço Gomes de Sousa e Oceano Atlântico Ribeiro e o menino Luís Filipe Gonçalves; no dia 4 o sr. José Henrique Pinheiro Calheiros; no dia 9 o sr. Raúl Ferreira Cardoso e a menina Maria Luísa Domingues Soares; no dia 11 o sr. António de Araújo Júnior e o menino Nelson Rodrigues; no dia 13 o sr. Armando Urbano de Araújo, e no dia 15 a sr.a D. Olimpia de Sousa Lobato Pereira.

* * *

Casamentos — Na igreja Matriz da Vila, realizaram-se, em 29 do mês findo, o casamento de José Henrique Gonçalves com Maria Fernanda Chita da Silva; e no dia 7 do corrente, o de Gaspar de Araújo com Augusta da Glória Fernandes.

— Na paroquial igreja de S. Martinho de Alvarado, também se realizou o auspicioso enlace da sr.a D. Maria Elvira Ribeiro de Figueiredo e Castro, prendada filha da sr.a D. Maria José Barbeitos Domingues Ribeiro de Figueiredo e Castro e do conhecido industrial daquela localidade sr. Lourenço José Ribeiro de Figueiredo e Castro, com o sr. António Pedro de Pádua Rosas e Silva, inteligente guarda-livros em Vila Luso, Angola, que foi representado por procuração. O acto foi parafestado, por parte da noiva; por seus tíos, sr.a D. Rosa Barbeitos e seu esposo, sr. Silvío Quevedo Barbeitos, conceituado comerciante na Valinha, e, por parte do noivo pela meirinha Elvira da Glória Rubiro de Figueiredo e Castro e pelo sr. Fernando Barbeitos, primos da noiva. «A Voz de Melgaço» faz votos pelas felicidades dos novos casais cristãos e deseja-lhes largos e muito venturosos.

* * *

Baptizado — Com o nome de Armando José, foi baptizado, na Matriz desta Vila, em 21 do corrente, um menino, filho de Armando Augusto Esteves e de sua consorte, sr.a Beatriz Alves de Melo, sendo apadrinhado pelo sr. Márcio Rosa Alves de Melo e pela sr.a Maria Angelina de Almeida.

«A Voz de Melgaço» faz votos pelas felicidades do neo-cristão.

* * *

José Gomes Calheiros — Tivemos o prazer de ver e cumprimentar nesta Vila o nosso velho amigo e assinante sr. José Manuel Gomes Calheiros, digno condutor da Companhia de Carris de Ferro de Lisboa, que com sua esposa e filha se acha em gozo de merecidas férias em sua casa do lugar do Outeiro, Paços.

Terminaram os trabalhos da marcação da estrada para esta freguesia. A estrada está marcada até ao cruzeiro da Costa. Ali tomará o rumo do Calvário, Crasto, Portela, Chão de Madeiro, Bessadas, Mourim. Mas do Cruzeiro da Costa para cima ainda não está marcada, mas já se sabe qual é o rumo que tomará.

O sr. Eng.º Cardoso Bispo que marcou a estrada, assim como a sua Ex.ma Esposa que são católicos fervorosos, deixaram nesta freguesia em cada pessoa que teve a dita de com eles conviver neste curto espaço de tempo um amigo sincero.

— Terminaram as vindimas e está-se procedendo ao envasilhame dos vinhos. Este ano toda a gente se viu à "rasquinha" para meter os vinhos. Fizeram-se muitas pipas novas. Outras vieram do Porto porque aqui nem havia madeiras nem havia quem as fizesse, porque nem todos os carpinteiros trabalham em pipas. Além disso, os carpinteiros são poucos e há mais obras, sem ser as pipas. O ano passado foi um ano falho, na verdade. Mas este ano há quem tenha 4 e 5 vezes mais do que no ano atrazado. Deus queira que para o ano tenhamos a mesma abundância.

Exame de Regente — Fez exame de Regente para posto de ensino a menina Maria de Carvalho, a qual saiu bem classificada. Daqui lhe enviamos os nossos sinceros parabéns.

— Principiou-se a fazer o S. Miguel, e já não é sem tempo que os outros anos, por estas alturas, já estava terminado. Vamos ver o que rende mas deve ser menos um pouco.

Casamentos — Consorciaram-se, ontem, nesta freguesia, os nubentes António Pires, desta freguesia, com a menina Noémia de Jesus Esteves, da freguesia da Gave. Aos noivos desejamos uma vida cheia das maiores venturas.

— Para os Hospitais da Universidade de Coimbra partiu o sr. Manuel Rodrigues.

O tempo — Melhorou o tempo. Parece estarmos mais no verão do que no inverno. Oxalá que continue assim até se acabar de recolher os frutos.

— Continua o mês do Rosário com a igreja cheia de fiéis que vão ouvir a palavra de Deus. — (C.)

Gave, 27

S. Miguel — Está decorrendo, com grande azáfama, o S. Miguel, nesta freguesia, pois o tempo, bastante frio, vai regular. A colheita este ano não parece ser das mais fracas. Ainda bem...

Falecimento — No lugar da Nogueira, desta freguesia, faleceu, ultimamente, a sr.a Maria Luísa Rodrigues, viúva, de 82 anos de idade. A saudosa extinta era mãe dos sr.s proprietários: Armando Domingues e Rosa Domingues, da Nogueira; e Manuel José Domingues, da Fenão. A seus filhos e demais família apresentamos cartão de sentidos pésames. Paz à sua alma.

Para Braga — A frequentar um dos colégios da cidade de Braga, seguiu a menina Ortelinda dos Prazeres Caldas, do Vale. Que seja feliz nos seus estudos, são os nossos votos.

Trabalho na nova Residência Paroquial — Depois de longo descanso, o que não esteve muito certo, nem era aconselhável, já principiamos os trabalhos na nova Residência Paroquial. Esperamos que fique concluída desta vez e quanto antes. Vamos! Mãos à obra! E muito pode quem quer!

Depois de termos a nova Residência em condições de habitação, ainda que seja com alguma deficiência, estamos certos que Sua Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz não nos deixará sem um Pastor próprio o que não temos há bastantes anos.

Dia dos Fiéis — E' já no próximo dia 2 que a Santa Igreja celebra a festa dos Fiéis Defuntos. Portanto, em comunhão com a Santa Igreja, que somos todos nós, vamos em romagem ao cemitério, rezar por todos os nossos que estão além-túmulo. Em tempos e não há muitos anos, nesta freguesia, a romagem ao cemitério era um bocadinho diferente do que tem sido nos últimos anos. Este ano esperamos que volte ao tempo antigo.

Para Angola — Embarca brevemente para Angola a menina Maria da Conceição Duque, de S. Cosme. E' filha do sr. Abílio Duque, já falecido e de Amélia Fernandes. Desde já lhe desejamos boa viagem.

Por hoje nada mais. Até à próxima, se Deus quiser. — (C.)

Da Vila

(Continuação da 2.ª página)

dem semear: alfaces de inverno, cebolas, cenouras (só nos primeiros dias do mês), couves diversas (excluindo repolhos, couve-flor e bróculos), ervilhas, favas, nabos, nabicas, rabanetes e salsa. Também podem semear: giestas, tojos, penisco, aveia, cevada, centeio, trigo e tremoços.

— Plantam-se morangueiros, videiras e árvores de toda a espécie.

* * *

Das Santos ao Natal perde o caminheiro o cabedal.

Paços, 10

Falecimento — No dia 29 do passado faleceu com 78 anos de idade, no lugar de Beleco o nosso amigo Manuel Esteves. No seu funeral incorporou-se grande número de indivíduos de Paços e de Cristóval, o que não admira, pois, além do finado gozar de gerais simpatias, era sogro do nosso amigo Miguel Conde, muito conceituado negociante no Peso.

Pegaram às borlas: o sr. António de Sousa Lobato, antigo presidente da Junta da Freguesia; António Lopes, António Alberto Pires e José Douteiro.

Foram-lhe oferecidas 3 coroas, conduzidas por João Evangelista Pires, probo negociante em S. Gregório, Armando Gonçalves, funcionário da Repartição das Finanças e José Novais.

Paz à sua alma.

Casamento — No dia 30 do p.p. realizou-se o enlace matrimonial de António de Almeida e Margarida Esteves, sendo padrinhos José Esteves e Rosa Pires.

Como o noivo se encontra no Rio de Janeiro, foi no acto representado pelo pai da noiva, Amadeu Pires.

Mil felicidades.

Caminho — O do Barreiro, se deixam passar o inverno sem olhar por ele, bem teremos de lá mandar colocar duas placas, dizendo: "Interrompido o trânsito", para evitar desastres.

Cemitério — Como se aproxima o dia dos Fieis Defuntos, bom era que, a tempo e horas se fizesse o arranjo das sepulturas perpétuas.

Nada de desleixos.

Prado, 26

Após ter gozado cerca de três anos de licença, concedida pela respectiva Junta-médica e com sólidos benefícios para a sua saúde, regressou ao seu munus o nosso estimado amigo e assinante sr. António de Araújo Júnior, diligente soldado da G. F. em Vale-Covo, Aldeia Nova de S. Bento, Baixo Alentejo.

— Também, depois de ter passado cerca de dois meses de estadia entre nós, regressou a Lisboa o nosso bom amigo Ex.mo Sr. Alípio Gonçalves, generoso capitalista a quem tanto devemos.

— Com sua estremecida esposa e gentis filhinhos, fixou definitivamente residência em Monção o nosso prezado amigo e assinante sr. José Henrique Pinheiro Calheiros, muito digno chefe da Secção de Processos do tribunal daquela comarca.

— Não foi estudar para o Liceu Nacional de Braga, como por deficiente informação noticieei, em minha última carta, o jovem Alcindo Alves Esteves, mas, sim, para o Colégio de Monção. Que se me desculpe.

— No lugar da Fichoa, junto à estrada, vem construindo uma linda moradia o nosso velho amigo sr. José Rodrigues de Lima Teixeira, acreditado industrial de sapataria desta freguesia, a quem desejo saúde e longa vida para a poder usufruir por muitos e bons anos. — (C.).

S.  R.

Governo Civil do Distrito de Viana do Castelo EDITAL

Alberto dos Reis Faria, Engenheiro Civil e Governador Civil do Distrito de Viana do Castelo; Nos termos da Portaria n.º 15.969, publicada no Diário do Governo n.º 195, 1.ª série, de 12 de Setembro do corrente ano, e de harmonia com o que lhe é proposto pelo Intendente de Pecuária de Viana do Castelo, far saber:

1.º—Cessa a aplicação das medidas constantes do § 2.º do n.º 1.º e alíneas a), b) e c) do n.º 5.º da Portaria n.º 15.709, de 28 de Janeiro de 1956.

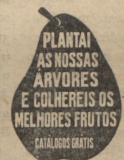
2.º—Por força da supra citada Portaria n.º 15.969, são de considerar sem efeito as obrigações expressas nos n.ºs 5.º e 6.º do edital deste Governo Civil sobre Mixotantes, datado de 14 de Julho de 1956.

3.º—Mantêm-se em vigor todas as outras disposições publicadas no referido Edital.

Governo Civil do Distrito de Viana do Castelo, 24 de Setembro de 1956.

As mais lindas rosas
de Portugal

As mais famosas
árvores de frutos



Arvores florissimas—Condição de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira do Silva e F.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, 55—ICRTO

FAZ...

...no dia 2 set: anos que faleceu, em Rougas, o sr. Francisco Júlio Vaz;

...Também faz no dia 5 um ano que se finou, em Chaviães, o sr. António Joaquim de Sousa;

...e no dia 8 faz quatro anos que faleceu, em Remoães, a menina Inês Escolástica de Sousa e Castro,

Que repousem em paz.

«A Renovação»

É este o título da nova revista bi-mensal de cultura, que se dignou saudar-nos ao iniciar a sua publicação.

Muitas felicidades.

Por Cavaleiros

Festividade em honra de Nossa Senhora das Dores

Depois de tanto tempo passado depois da época das festas ir terminando, quando tudo pensava, que a festa de Nossa Senhora das Dores ficasse sem fazer, — surgiu uma briosa comissão superiormente orientada pelo senhor Albino Dias, Dig-mo Guarda Florestal e assim levou-se a efeito no passado dia 14 a grandiosa festa. Pois não há notícia de se haver realizado uma festa tão grandiosa como este ano em Cavaleiros.

Mas não admira, pois logo a primeira iniciativa foi mandar a Imagem da Senhora para Braga, onde foi arranjada e veio lindamente preparada, como nova. Por conseguinte no dia 30 de Setembro p. p. foi o primeiro dia de festa, visto ser a chegada da veneranda Imagem, que chegou nesse dia à vila e às 15 horas saiu em procissão da vila para a Capela de Cavaleiros. No final o Rev.mo Padre António Esteves, fez uma alocução de agradecimento comovido por tantos fieis que acompanhavam a Dolorosa Mãe de Deus. Depois no dia 12 deu entrada a afamada cabine da «Casa Ponte» Viana do Castelo que depois de anunciar as festas desde Monção a Melgaço entrou em Cavaleiros com uma das suas melhores aparelhagens que se fazia ouvir a quilómetros distantes e uma grande girândola de fogo anunciou o primeiro dia de festa. No dia 13 grande salva de morteiros anunciaram a alvorada e logo depois houve missa e comunhão dos fieis. A seguir foram ligados já os alti-falantes que tocaram até ao meio-dia que só pararam a essa hora para dar vez a subir ao ar grande quantidade de fogo. As 20 horas saiu da capela como de costume acompanhada por uma imponente procissão de velas a Imagem de N. S. das Dores e no final foi feita uma alocução pelo sr. Arcipreste, e a seguir foi queimado o fogo de artifício preparado pelo afamado pirotécnico de Barbeita. Dia 14 às 5,30 horas foi queimado a alvorada e a seguir logo os incansáveis empregados da cabine de som ligaram os seus aparelhos que acordaram a gente com a melhor música do seu programa e se prolongou até às 8 horas, para dar vez à entrada da Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço. As 11 horas principiou a Santa Missa cantada, onde no momento devido subiu ao púlpito o distinto orador sagrado, rev.do Padre Sérgio de Carvalho, de Longos Vales, que se fez ouvir com um dos seus sermões que tanto entusiasmou os devotos da Senhora das Dores.

No final saiu a procissão, que não há notícia de haver procissão tão bonita cá em Cavaleiros, tanto em andores como figurado e anjos, que tudo isso assim como a ornamentação da Capela que estava ricamente adornada a cargo da casa Congonalense de Monção. À tarde devido ao mau tempo não pôde dar entrada a música e assim iam sempre tocando os alti-falantes que os empregados eram incansáveis em satisfazer o povo com o seu repertório.

As 16 horas, ouviu-se falar ao micro o senhor Arménio de Melo em nome de toda a comissão, agradecer às famílias de todos os rapazes que trabalham em França e que concorreram para esta festividade com as suas ofertas, pois entre eles escolheu os seguintes: Manuel Cardoso, Billhões 1.500 francos; José Bento Alves, José Alves e António Afonso, respectivamente de Cabreiros, Cavana e Paçõ 4.000 francos; José Domingues Cavaleiros, 1.200 francos; Manuel Meleiro, Lavió, 500 francos; António Barreiros Picota 100\$00; Domingos Alves, Cavaleiros, 70\$00; Manuel Pinho, Verdade, 50\$00; e agora de cá também temos a elogiar uma anónima 300\$00; do senhor proprietário da Quinta de Requeijo, 150\$00 e casa da Cabana que pagou a missa cantada e muitas outras ofertas de valor que não é possível nomear tudo.

Também o Senhor Manuel Lourenço, agente da P.S.P. no Porto nos enviou 25\$00 e uma Senhora Professora de um Liceu do Porto 20\$00.

A seguir o senhor Melo, membro da Comissão não quis terminar sem dirigir as seguintes palavras:

Rev.mo Senhor Arcipreste, camaradas, amigos e ouvintes. Na verdade custa-me vir aqui dizer estas palavras, pois não me encontro suficiente de falar através dos microfones visto o não me encontrar com essa cultura. No entanto, ao reparar como toda a gente nos ajudou não me pude conter sem vir aqui em nome de toda a comissão, agradecer tão boa vontade como encontramos em nos ajudarem neste trabalho que nos metia certo respeito. Mas N. S. das Dores muito nos ajudou; porque quando nos metemos ao serviço houve quem dissesse que para fazermos

(Continua na 4.ª página)

Os teus mortos!!...

Os nossos cemitérios cobrem-se, amanhã, de crisântemos, de flores, de lágrimas e de saudade.

Que todo o leitor amigo, de perto e de longe, em Portugal ou no estrangeiro, durante este mês de Novembro, que é o mês das Almas, recorde os seus mortos, com piedade, saudade e preces.

Por Cavaleiros

(Continuação da 3.ª página)

algo de jeito, que preparássemos 3.300\$00 e afinal todas as despesas orçaram em 5.000\$00 — Cifra nunca imaginada, enfim milagre da Senhora, pois logo a festa começou a ganhar a fama que merecia e logo começaram a vir boas respostas da França e a primeira foi a do senhor Manuel Cardoso, Bilhões, que logo nos enviou 1.500 francos, como já se disse. Depois também as raparigas nos começaram a ajudar e tenho a salientar a menina Alexandrina Dias, que foi a única rapariga que nos entregou 100\$00 provenientes das 100 rifas que se comprometeu de passar e assim, é de justiça dar-lhe em nome de toda a comissão e de mim as merecidas felicitações.

E assim, espero que esta festa de Cavaleiros se torne afamada a bem de Cavaleiros, e a bem de N. Senhora das Dores, que nos ajude e nos proteja pois Ela não se esquece, de quem a Ela recorre.

Com isto termino, esperando que a Digna Comissão do próximo ano, progrida o mais possível, pois está em boa mão. E mais uma vez agradeço a todos os benfeitores que de um modo geral fizeram tudo e a todos pois muito obrigado e N. Senhora os ajude.

Penso, 26

Até que enfim chegou a hora de escrever para dar notícias de Penso. Muitos dignos assinantes deste nosso conceituado jornalzinho residentes em Lisboa conspiram para lerem notícias da sua terra. Os meus muitos afazeres impedem-me de ser assíduo.

Agricultura — Recolheu-se o vinho com abundância. Muitos não tinham onde o meter, sendo forçados a vendê-lo ao preço de 12\$00 os 12 litros!... Graças a Deus, tudo contente. Os pobrezinhos dizem que com um pedaço de pão e uma tigela de vinho já se anda caminho... Os milhos estão-se a recolher.

Falecimentos — No lugar das Lages, repentinamente, faleceu Rosa Barbosa Esteves. Era casada, tendo 53 anos. Chegou a fazer o jantar mas infelizmente não o chegou a comer. Este mundo é assim. Sejam os bons. — (C.).

Quadras populares

Não sei o que tenho,
não sei o que sinto!
Espera... Já venho,
ó lobo faminto!

Não venhas atrás
de mim, tenho medo!
Sou ainda rapaz
Não quero ir tam cedo!!

A. B.

Efemérides

Em 11 de Novembro de 1656 — dentro de dias, completar-se-ão trezentos anos — deve ter chegado a Melgaço a notícia do falecimento de D. João IV, ocorrido, em Lisboa, em 6 dos referidos mês e ano.

D. João IV, 8.º duque de Bragança, 21.º Rei de Portugal nasceu, em Vila Viçosa, em 29 de Março de 1604, e faleceu, como disse, em 6 de Novembro de 1654, com 52 anos, 7 meses e 8 dias de idade, depois de ter sido 10 anos duque de Bragança, 26 duque de Barcelos e 16 menos 24 dias rei de Portugal. Foi sepultado no Mosteiro de S. Vicente de Fora de Lisboa.

Era filho do 7.º duque de Bragança, D. Teodósio II, que apenas com 10 anos combateu corajosamente em Alcor-Kehir, sendo ferido na cabeça — feito prisioneiro pelos Mouros que o substituíram sem exigir resgate, e de sua mulher, a duquesa D. Ana de Velasco; neto-paterno do 6.º duque, D. João I, que tomou parte na primeira expedição de el-rei D. Sebastião a África, e de D. Catarina sua esposa, filha do Infante D. Duarte; bisneto do 5.º duque D. Teodósio I, que faleceu em 1553; trisneto do 4.º duque, D. Jaime, que foi reintegrado por el-rei D. Manuel I nos títulos, privilégios e soborridos da sua casa, nada menos dos duques de Bragança, Barcelos e Guimarães, do marquesado de Vila Viçosa e de quatro condados, pertencendo-lhe, além disso, grande parte do Minho, Traz-os-Montes e quase todo o Alentejo, passando de oitenta mil o número dos seus vassallos. Este Duque, não deixou de si boa memória: dotado de génio sombrio e desconfiado, em 1512, num acesso de ciúme, apunhalou sua mulher; D. Leonor de Mendonça, filha do duque e da duquesa de Medina Sidónia, por suspeitar que ela entretinha relações amorosas com seu pagem António Alcoforado, que também foi degolado; tetraneto de D. Fernando II, 3.º duque de Bragança, que entrou em luta com el-rei D. João II, juramente com outros representantes da nobreza. Acusado de intrigas com os Castelhanos contra o monarca português, foi preso e, bem ou mal, julgado; condenado à morte e executado em Évora, em 1483, confiscando-lhe a Coroa todos os bens; 5.º neto do duque D. Fernando I, que tomou parte brilhante nas expedições a Tânger e a Alcaçuz-Cequer, e foi regente do reino, durante a expedição de D. Afonso V a Arzila; e 6.º neto do 1.º duque de Bragança, D. Afonso, filho natural del-rei D. João I e de Inês Pires, filha de Pero Esteves, o *Barbadão* de Veiros, o qual D. Afonso foi casado com D. Beatriz, filha do Bate Nuno de S.ta Maria — o grande

Condestável D. Nuno Alvares Pereira. Como se vê, D. João IV não usurpou a Coroa de Portugal... pertencendo-lhe por direito e por justiça.

D. João IV, a quem a História cognominou de o *Restaurador*, a pesar de a primeira parte da sua vida ter decorrido tranquilamente no magnífico domínio de Vila Viçosa, votada quase inteiramente aos prazeres da música e da caça, vivendo faustosamente como um rei, pois, entre fidalgos e creados, empregava cerca de 500 pessoas ao seu serviço. Foi um dos mais brilhantes reis de Portugal. Efectivamente, chamado ao Trono português, pela Revolução de 1 de Dezembro de 1640, chegou a Lisboa, em 5 do mesmo mês e ano, e logo, sem perda de tempo, cuidou de organizar a defesa do País; creando o Conselho de Guerra e outras importantíssimas Leis. Foi segunda vez aclamado em 15 de Dezembro do dito ano e jurado pelos títulos, fidalgos e ministros, e, em 28 de Janeiro do ano seguinte, o foi novamente, nas Cortes, pelos três Estados, e D. Teodósio, seu primogénito, por príncipe e sucessor. No dia seguinte, enviou embaixadores a dar parte da sua exaltação às várias cortes da Europa, sendo em todas bem ouvida, excepto em Roma, onde prevaleceu aos dos demais o parecer do Cardeal Papfilio, que depois, com o nome de Inocêncio XI, sucedeu a Urbano VIII, o qual não quis admitir a Embaixada do novo monarca português. Logo, pouco depois do seu advento, teve de castigar uma conspiração, formada por vários fidalgos portugueses para o assassinar e em seguida entregarem o reino aos Espanhois. O marquês de Vila Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar e D. Agostinho Manuel que eram com o Arcebispo de Braga os principais conjurados, expiaram o seu crime no cadafalso e o Arcebispo foi encerrado em prisão perpétua.

Fez cortar as mãos e depois a cabeça a um tal Domingos Leite Pereira, que confessou que sobornado por Castela, intentara tirar-lhe a vida quando ele ia na procissão de *Corpus Christi*, o que só não fez por certo respeito que difundia a Magestade quando fez a acção de lhe tirar.

Durante o seu reinado, a guerra com a Espanha arrastou-se numa série de pequenos combates e escaramuças, com a única excepção da batalha de Montijo que foi para os portugueses uma brilhante vitória. No Brasil, a luta contra os holandeses, encetada em 1642; terminou em 1654 pela expulsão destes; e, na Africa; (Salvador Correia de Sá reconquistou tam-

bém aos holandeses Angola e S. Tomé.

Este Rei, foi muito devoto da Imaculada Conceição que as Cortes de 1646, jurou com todos os Estados de A defender e punir quem se atrevesse a dizer o contrário, mandando à Universidade fazer o mesmo juramento, e que a nenhum escolar se conferisse o grau sem o fazer primeiro; e, o mesmo fizeram logo todos os prelados e ordens religiosas. Elegendo-a defensora e protectora do reino e lhe fez estipendiário com o tributo de cinquenta cruzados, cada ano, applicados para a paróquia de Vila Viçosa, que foi a primeira em todas as Espanhas, que se lhe dedicou.

Ordenou que os primogénitos da Casa Real se intitulassem príncipes do Brasil e duques de Bragança, e foi o primeiro deste título seu filho D. Teodósio.

Deu as rendas e título de duque de Beja a seu filho D. Pedro.

Creou o Ducado de Cadavai; os Marquezados de Cascais, Aguiar e Nisa; os Condados de Serem; Alegrete, Soure; Oriola, Vila-Maior, Vila-Pouca e Vila-Verde, e confirmou os de Prado, Ericeira e Torre.

Casou com D. Luísa de Gusmão, filha de D. Manuel Peães de Gusmão, duque de Medina (Sidónia, a qual governou o Reino por sua morte até 1661, em que o entregou a seu filho D. Afonso, e se recolheu ao convento do Grilo, por si fundado e onde viveu com grande exemplo até 1666; ano em que faleceu. Foram seus filhos: D. Teodósio, príncipe do Brasil e jurado sucessor em 1641 que não chegou a reinar; D. Afonso e D. Pedro, seus sucessores, D. Manuel, que morreu menino, D. Ana e D. Isabel, que também morreram de pouca idade, D. Joana e D. Catarina, rainha de Inglaterra, que depois de viúva voltou ao Reino e o governou por duas vezes; e, ilegítima; O. Maria.

Em conclusão, D. João IV, foi um rei caracteristicamente prudente; sensato e de tacto governativo; mas muito egoísta.

Mário

Delegado Escolar

Foi nomeado Delegado Escolar neste concelho o illustre professor da Vila, Manuel Rodrigues.

Porque inteligente e modesto, não quis o acto de posse que, há pouco, se realizou na Direcção Escolar do Distrito com espavento.

Os nossos parabéns e ao professorado do concelho pelo novo Delegado Escolar.

A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador:
P. JULIO HILARIO VAZ



Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, Interinas: Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENGA



Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XI

Melgaço 15 de Novembro de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 131

Novo quartel dos Bombeiros

Está em causa a nossa generosidade

Estão constituídas as comissões que, em todas as freguesias do Concelho e em algumas de fóra, hão-de proceder ao grande pedatório em benefício do novo quartel dos Bombeiros Voluntários, bem como da compra de material de que os mesmos necessitam.

Singela informação! Mas grande responsabilidade, que ela cria em todos nós.

Ergue-se lentamente, mas firme, o novo edificio, o qual será para honra da terra e serviço dos seus habitantes. Ficam, pois, em causa o nosso brío e o nosso interesse. E' hábito muito frequente só pensarmos nos graves problemas, quando surgem as irreparáveis necessidades.

Assim, deante de uma casa que nos arde, clamamos pelo serviço dos bombeiros.

Ora é preciso ordenar na paz o que será absolutamente necessário na guerra, porque a vitória não se improvisa.

Melgaço tem sabido corresponder a todos os apelos, feitos para sua glória e para seu proveito.

A glória do Bombeiro é "dar vida por vida".

Temos de ajudar a concluir o edificio e a comprar material condigno para que o seu trabalho seja mais eficiente, e o seu esforço mais salutar.

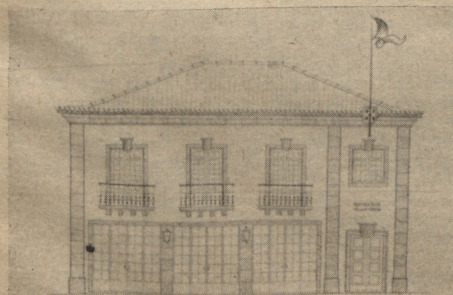
Até há pouco, muitas pessoas das nossas aldeias desculpavam-se, dizendo que os bombeiros não podiam lá chegar.

Ora a verdade é que merecia bem, o nosso semelhante, que nos sacrificássemos por ele. Isto só bastava.

Agora, porém, as estradas vão rasgando as aldeias, e com material moderno já é fácil acudir, desde que se conheça um sinal de alarme, enquanto não chega o telefone a todas as freguesias.

Melgacense, onde quer que estejas, sê cavalheiresco, sê digno, e sê generoso para com os Bombeiros Voluntários, e recebe com satisfação e prazer a comissão que bater á tua porta.

J. V.



EDIFICIO EM CONSTRUÇÃO DOS B.V. DE MELGAÇO

Edifício em construção dos B. V. de Melgaço

Tribunal da Montanha

Feiticeiros e feiticeiras

E' costume muito vulgar entre o povo das nossas aldeias, e até dos centros mais civilizados, procurar em diversas fases da vida, uma pessoa sábia, ora para descobrir um roubo, ora para mielar as dores de uma doença, ora para prognosticar qualquer empresa futura. Uma vez procuram-se esses sábios ou essas sábias por conhecimentos antigos outras vezes, avessos, por indicação de pessoa amiga que, também já fez o mesmo. E a multidão aumenta de dia para dia.

Lá está o feiticeiro ou a bruxa à espera dos seus clientes, trabalhando, isoladamente, nos gabinetes de trabalho! Lá está a mulherzita das carras, sentada a porta da casa térrea; fiando numa afumada roca de cana! Lá vai a cigara de filho ao colo br a buena—dicha à mocidade!

Quem procuram estas pessoas? Almas caridosas...

A mulher das cartas e a cigara são procuradas, geralmente, pelas raparigas o rapazes, na pujança da vida, quando tudo são ilusões e quimeras para saberem se casam e com quem. As bruxas e os feiticeiros são procurados pelos mais sávidos quando pretendem descobrir qualquer segredo ou decifrar qualquer engano. Uma vez nos seus escritórios fazem rezas, e mais rezas, orações e mais orações; enfim, fazem-se perfútois diabetes na terra. E os amáveis clientes regressam a casa saltando de contentes, depois de terem ouvido uma série de intrujices. Até a carteira salta de contente, vasta no bolso...

A propósito deste caso vou contar aos leitores uma cena interessante de que tenho verdadeiro conhecimento.

Numa das aldeias deste concelho havia uma mulherzita que há bastante tempo sofria—talvez da cabeça!—e, como não encontrava alívio nas suas dores, consultou uma bruxa. Pois o caso foi interessante. Esta depois de consultar a doente disse-lhe:

Você há-de mandar-me seis lençóis novos, seis toalhas novas e não sei que mais para enqueimar tudo. Depois com as cinzas destas roupas é que a vou sarar.

Além disso, há-de mandar-me um prescrito para completar o remédio. Eis a receita da bruxa.

Bô então que a pobre cliente se prontificou a caviar à bruxa tudo o que ela pedira, mas o que foi interessante é que, ainda hoje sofre...

E' pena que a nossa gente se deteça builar, tam desparatada-

mente, por esses feiticeiros e feiticeiras que não são mais do que assaltadores disfarçados.

Um conselho prático: quando alguém for a caminho do feiticeiro, volte para traz e contemple; com esses escudos, algum infeliz que estende a mão à caridade; Prognosticar o futuro só Deus! Ninguém acredite nesses trapalhões!

J. B.

AOS NOSSOS ASSINANTES

A cobrança vai ficando em dia.

Há, porém, alguns atrasados. Pedimos-lhes o favor de se porem em dia.

Aos estrangeiros, mais atrasados, talvez pela distância, pedimos idêntico favor, e lembramos, que para eles, o custo da assinatura é de 30\$00 anuais.

D. António Bento Martins Júnior,

POR MERCE DE DEUS E DA SANTA SE APOSTOLICA, ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA, PRIMAZ DAS ESPANHAS, ASSISTENTE AO SOLIO PONTIFICIO, ETC.

Por quatro vezes, Sua Santidade o Papa, nestes últimos dias, se dirigiu aos fiéis do mundo inteiro, pedindo orações e sacrifícios pela Paz e pelo alívio dos nossos irmãos na fé que sofrem, dura e angustiosamente, o peso duma força cruel que sentem não poder mais suportar.

Estes apelos insistentes do Santo Padre demonstram as apreensões que oprimem o seu coração de Pai comum e dão-nos a entender a gravidade dos tempos que passam.

Não podemos, portanto, manter-nos na simples posição de observadores nem limitar-nos às censuras mais ou menos veementes aos inimigos da Paz porque opressores dos povos.

Escutando o apelo do Santo Padre, havemos de intensificar a nossa penitência e oração, que subirá ao céu e moverá o coração de Deus para que converta os povos opressores e multiplique, se possível, os arcanos da sua misericórdia infinita pela humanidade pecadora.

Neste sentido, ajoelharão os portugueses, em Fátima, no próximo Domingo, dia 18. Porém, como a grande maioria dos Nossos fiéis Arquidiocesanos não terá possibilidade de ali comparecer, ficam desde já convidados para Nos acompanharem na romagem de estrita penitência e oração que, no Domingo dia 25, p. f., faremos, se o tempo o permitir, ao Bom Jesus do Monte, implorando do nosso Divino Redentor a Paz e o Perdão.

Igualmente ordenamos a todos os Rev.ºs Párocos e demais pastores de almas da Arquidiocese intensifiquem, com os seus fiéis, as orações pela Paz, e rezem, sobretudo durante o corrente mês das almas, pelos mortos, que nestes últimos dias deram o seu sangue pela fé e pela pátria que estretemos.

Braga, 13 de Novembro de 1956.

† ANTONIO, Arcebispo Primaz

Da Vila

Novembro, 11.

Labéus...—O caso já tem sido batido e rebatido nas colunas da Imprensa; no entanto, se hoje voltamos a ele não é por sadismo que o fazemos, mas tão somente porque o mesmo se vem tornando de dia para dia mais deficiente, mais irritante, sem que quem de direito — neste caso a Câmara — o tivesse podido resolver ou remediar. Por certo que o leitor adivinhou já que queremos referir-nos à luz eléctrica que alumia... perdão, que devia alumiar esta Vila, cuja luz, tal como está a ser fornecida, é, por assim dizer, uma burla, pois geralmente a sua intensidade é tão débil que quase nem chega para se poder ler um naco de prosa, escrito que esteja em tipo garrafal. Que vergonha!... E' isto ou não um conspirado labéu, ó gentes!?

Quere-nos, porém, parecer que o mal talvez não seja só de origem, pois geralmente quando se acende a iluminação pública a sua intensidade é boa, mas, passados dois, três minutos... zazi! vai-se a baixo metamorfoseando-se as respectivas lâmpadas em outros tantos pirilampoziinhos.

Será que alguém ligue a rede da iluminação pública a "sua improvisada instalação" com fuga para terra?... Esta hipótese não é de todo inadmissível, pois para estes lados muita gente se alumia electricamente — se a "isto se pode chamar electricidade... — e todos... terão "contador em sua casa?... Mas, seja como for, porque isto não são contas do nosso rosário, o concessionário, em seu interesse, é que deve dar caça ao gato se existir.

Até lá, porém, parece-nos que a nossa Ex.ma Câmara devia seguir o exemplo da de Monção que no seu plano de actividades para o próximo ano já tem incluído o competente estudo para poder vir a ser servida com a prata da casa — com Electricidade nacional.

Dia de Finados—Com as três missas do ritual, celebradas na igreja Matriz, e com a tradicional procissão de romagem ao cemitério, na qual se incorporaram as irmandades das Almas e da Misericórdia, bem como uma enorme multidão de pessoas de todas as condições sociais, se comemoraram, no pretérito dia 2, os Fiéis Defuntos.

Ao cemitério municipal acorreu um mar de gente a fim de recordar com extrema saudade os seus entes queridos arrebatados à vida e que ali dormem à sombra da Cruz. Aquele Campo Santo oferecia um cenário estranho, onde a alacridade dos crisântemos se fundia com o luto daqueles que ali foram em piedosa romagem chorar os seus mortos. Orou-se junto das campas, jazigos e mausoléus, os quais ficaram literalmente cobertos de flores: — símbolo da recordação e da permanência do espírito.

Que a todos o Senhor dê o eterno descanso entre os resplendores da Luz Perpétua.

Feiras e mercados—No mercado semanal de ontem vendeu-se: milho a 7\$50, o meio decalitre; centeio a 9\$00, idem; feijão branco a 15\$00, idem; feijão rajado a 10\$00, idem; feijão frade a 8\$00, idem; castanhas miúdas a 6\$00, idem; castanhas "longas" a 7\$00, idem; batatas a 1\$20, o quilo; cebolas à razão de 2\$00, idem; galos, galinhas, frangos e franguiños desde 30, 25, 15 e 10\$00 cada, respectivamente; ovos a 12\$00 a dúzia; nozes a 8\$00 o cento; maçãs desde 1\$20 a dúzia; sardinhas a 1\$20, idem; e chicharros a 2\$50, o par.

Desastre de viação—Quando, na tarde do pretérito dia 4, Oscar Manuel Esteves, solteiro, de 26 anos, residente no lugar de Felgueiras, Penso, seguia pela E. N., conduzindo uma bicicleta motorizada, ao descrever a curva da Granja, próximo do Peso, foi embater contra outro ciclista, Luís Alves Sanches, casado, comerciante em Alvaredo, de cujo abaloamento resultou ficarem ambos feridos, nomeadamente o Oscar que depois de ter sido conduzido ao Hospital desta Vila, onde lhe foram prestados os primeiros socorros, transitou para o Porto, por serem de certa gravidade os seus ferimentos, havendo suspeitas de fractura craniana. Os ferimentos do sr. Sanches, que segundo se diz nenhuma culpa lhe cabe neste desastre, são de pouca importância.

Comemoração do Aniversário do Armistício—Promovida pela Agência da L. C. G. G. concelhia, realizou-se, pelas 10,30 horas de hoje, na igreja da Misericórdia desta Vila, uma missa por alma dos combatentes da Guerra de 1914-1918, falecidos, a que se seguiu uma concorrida romagem ao cemitério municipal, em visita às campas dos combatentes ali sepultados.

(Continua na 3.ª página)

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos—umãh os srs. Domingos Lourenço Alves da Silva e Manuel Maria Pereira Júnior; no dia 17 o sr. eng. Marcelino Hildio Vilarinho Pereira da Rocha; no dia 18 a menina Maria Helena de Magalhães Fernandes Pinto e o sr. Manuel Esteves Cordeira; no dia 20 a menina Esperança de Sousa Lobo; no dia 21 a sra. D. Maria Amélia Fernandes de Sousa, o sr. Chefe Maritins Lourenço e o menino Américo José Gonçalves Mesquita; no dia 25 os srs. Gaspar de Figueiredo e Manuel Félix Igrejas; no dia 27 a sra. D. Rosa da Conceição Alves e o sr. Firmino Alves Salgado; no dia 28 a sra. D. Isolina Rosa Rodrigues Gomes e o menino Francisco Pereira Rodrigues; no dia 29 a sra. D. Diná Domingues de Sousa Lobato.

Eng. Malheiro da Silva—Chegado de Africa, está em Paderna, em casa de seus estremeitados sogros, sr. Artur Barreiros Duque e sra. D. Deolinda Pereira Duque, o distinto engenheiro civil sr. Fernando Malheiro da Silva; esposa muito querido da sra. D. Maria Anéida Barreiros Duque da Silva; digníssima professora de ensino primário na escola de Valadares, Moção.

Muito boas vindas.

As mais lindas rosas de Portugal

As mais famosas árvores de frutos

PLANTAL AS NOSSAS ÁRVORES E COLHEIROS OS MELHORES FRUTOS CATALOGO GRATIS

Arvores florestais—Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catalogo que é enviado gratis

Moreira da Silva e C.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, 55—PORTO

Quadras

populares

Quem chama? Quer-me falar?...

Já vou, estou-me a vestir...

P'ra que me vejo acordar

Tam cedo; estava a dormir?

Olá! Também por aqui?...

Já chegou a minha hora?

...Ainda pouco vivi

é cedo p'ra ir embora!

J. B.

Prado, 10

Como o tempo foge... e as voltas que o mundo dá..!

Folheando uma colecção do semanário "Correio de Melgaço" — jornal fundado, em 9 de Junho de 1912, pelo saudoso Hermenegildo José Solheiro, que dele foi proprietário e primeiro director, o qual se editava aqui em Prado — topei transcrita uma carta que Luís Gomes de Sousa, desta freguesia, então 1.º cabo n.º 394 da 9.ª Companhia de Infantaria 16, Expedição a Angola, escreveu desta provincia ultramarina a seus pais, a qual, pelo muito de observação e até pelo patriotismo que encerra, com a devida vénia, vou arquivar nestas colunas, alijando-a de certo período para a encurtar e tornar mais leve.

Eis a carta em questão:

"Mossamedes, 4-1-1915

Meus queridos pai, mãe e toda a família:

Muito estimo que ao receber desta gozem de perfeita saúde; a minha por enquanto é muito boa, felizmente.

Escrevo-lhe esta para lhes contar certas peripécias da viagem. Saímos de S. Vicente, donde lhes escrevi, no dia 7; dois dias depois, paramos no alto mar porque o vapor de guerra que vinha conosco avariou-se. Estivemos parados o dia todo, e à noite continuamos a viagem; no dia 15 tornou a avariar-se o barco, e estivemos outro dia parados, mas o comandante do nosso vapor, que já estava maçoado com tanta demora, não quis esperar mais e seguimos sózinhos. Chegamos a Luanda no dia 23; estivemos ali seis horas, e seguimos para aqui, levando dois dias em viagem. Desembarcamos no dia 30, e acantonamos em casas particulares e na Câmara Municipal. Como somos para cima de 300 homens, os que não couberam nas casas ficaram ao ar livre.

As cozinhas são todas na praia, à beira mar, é um aspecto encantador quando pela manhã toca a alvorada, parecendo formigas a saír para fora das tendas.

Tenho gostado imenso disto aqui e tenho-me fartado de rir com os pretos; os soldados indígenas andam descalços. A policia, composta de pretos, é muito bonita; andam quase todos com os fatos rotos, as carnes à mostra, descalços, e de cavallo marinho na mão. As mulheres andam a trabalhar com as crianças às costas enroladas num pano, e com o competente cachimbo na boca. Todas fumam. O tabaco que aí custa 200 custa aqui 60 reis. É muito barato.

Aqui, fora da vila, há hortas onde há toda a fruta e hortaliça como aí. Ontem, juntei-me com uns camaradas e fomos até às hortas; comemos melancias, figos, uvas, pêçegos e mais fruta. O calor aqui é muito. O fato dos pretos é uma tanga enrolada à cinta a tapar o sexo, muitas pulseiras nas pernas e nas mãos, e todos trazem uma faca numa bainha, à cinta. Tem muito respeito aos brancos; basta um branco levantar os olhos de mal para eles que já não sabem onde se hão-de meter.

Nós não sabemos quando vamos para cima, para o mato; as nossas tropas, que estão na linha de fogo, que são de infantaria 14, são muito poucas e já se viram obrigadas a abandonar alguns fortes, mas o Roçadas mandou incendiá-los para os alemães não encontrarem munições nem que comer. Das nossas tropas houve umas 200 baixas, e da parte dos alemães houve perto de 600.

Agora esperamos daí mais 4.000 homens para lhes fazeremos um ataque decisivo e acabarmos com eles duma vez.

Chegaram aqui doze camiões vindos de Inglaterra e chauffeurs ingleses. No dia 1, vindos do mato, chegaram quatro officiaes alemães presos pelas nossas tropas.

Houve aqui um alemão, dono duma fábrica, que illudiu um soldado preto para nos deitar veneno no rancho e na água onde bebiam os cavalos, mas o preto deitou o veneno e depois arrependeu-se, e foi a correr dizê-lo a um official, de forma que foi inspecionado o rancho e estava de facto envenenado; daí a cinco minutos já o alemão estava a ser moído à pãncada e a fábrica toda escangalhada.

O homenzinho se não lhe acodem os officiaes, esmagavam-no; afinal lá foi levado em braços para a fortaleza para responder pelo que fez.

O Cuanhama está revoltado contra nós. A respeito de febres, ainda nenhum de nós foi atacado; eu estou muito satisfeito e não tenho pena que ainda os alemães não são os que me hão-de levar a vida, e se me levarem, também eu hei-de levar 4 ou 5, e ao menos morro no campo da

(Continua na 3.ª página)

Prado, 10

(Continuação da 2.ª página)

honra; morro pela minha querida Pátria. Sou português e prezo-me de o ser; tenho espírito guerreiro e não quero de forma nenhuma que se lastimem por mim, antes pelo contrário se devem vangloriar por terem um filho que anda a combater pela Pátria e que juntamente com os camaradas há-de fazer ver a esses canalhas (os alemães) até onde chega um homem que lhe corre nas veias o sangue português que nunca foi cobarde. (. . .)

Pedia-lhes o favor de mostrar esta carta a meu cunhado, e que se honre de ter um cunhado na guerra, e ao José, meu irmão, porque não tenho tempo de escrever para todos, e além disso como ainda não nos pagaram o "pret" deste mês, porque não tem cá dinheiro para isso, não posso escrever para todos como tinha vontade.

Recomendem-me muito às pessoas que lhes cito: Manuel Feitor e mulher, Emídio e à s.ra Claudina e família, e à Rosinha, ao Cândido da loja da Serra, aos galegos do Peso, ao Manuel da Apião, e Sequeiros, ao Vitorininho dos Bouços, um apertado abraço à minha madrinha e a quem por mim perguntar. E quando me escreverem não quero cartas com choradeiras porque senão nunca mais torno a escrever, e escrevam-me sempre que eu não sei quando poderei escrever devido a ir para o mato.

Limpem-me a minha roupa que eu ainda tenciono ir dar a temporada ao Peso. Muitas saudades para essas raparigas dos Bouços. Mandem-me dizer se o Emídio já casou e todas as novidades daí.

Recebam um apertado abraço deste filho que lhes pede perdão por tudo e a sua bênção.

LUÍS

Como o tempo foge e as voltas que o mundo dá...! — Passou-se isto no alvor do ano 1915, ensaiava eu, então, vacilantemente, os primeiros passos, e hoje... inda não sou um velho decrepito — é certo — mas já conto 43 anos, bem puxados. Como o tempo foge...!

Agora, de todas aquelas pessoas nomeadas na dita carta, creio que apenas estão vivas: o Autor da mesma, actualmente residente em Lourenço Marques, com sua esposa, filho, três filhas, genro e netos; o Emídio — Emídio Augusto Marques — que veio a casar com Joaquina Rosa de Castro, de quem já enviou; o Manuel da Apião — Manuel Pereira; o Cândido da loja da Serra — sr. Cândido Augusto Esteves; seu irmão José — José Maria Gomes de Sousa — e seu cunhado — Augusto Gomes. Todos os demais estão já no mundo da verdade.

Assim, seu pai, António Augusto Gomes de Sousa, oriundo do Granjão, Pademe, faleceu, com 53 anos, em 27 de Abril de 1917; sua mãe, Maria de Jesus Vaz, faleceu, com 83 anos, em 27 de Dezembro de 1947; o Vitorininho dos Bouços — Vitorino Joaquim Domingues — apenas com 50 anos, faleceu de desastre, de baixo dum pinheiro, em 30 de Novembro de 1917; a mulher deste, a tal Rosinha — D. Rosa Joaquina Lopes — faleceu em 14 de Maio de 1948; o Manuel Feitor — Manuel Gonçalves Pereira — natural de Viana do Castelo, faleceu, repentinamente, com 57 anos, em Malha Grilos, onde residia com sua mulher, Filomena Caldas; e, finalmente, a s.ra Claudina — D. Claudina de Sousa Palhares — também faleceu em 30 de Dezembro de 1942. As voltas que o mundo dá...!

Sobre a minha banca de trabalho veio poisar uma espiga de milho que é um verdadeiro fenómeno; pois, trata-se duma maçaroca normal rodeada de nada menos de oito espigas mais pequenas, todas, à excepção duma, bem granuladas, formando o conjunto um cacho simétrico, semelhante a um garrafãozinho de um litro. Talvez não seja caso único, mas tenho para mim que deve ser raríssimo.

— Com um dia de sol radiante, comemorou-se aqui, no pretérito dia 5, o aniversário das Almas do Purgatório, tendo sido celebrada, na igreja paroquial, missa de *Requiem*, a expensas da Confraria das Almas, em sufrágio dos Irmãos falecidos, finda a qual saiu a clássica procissão de romagem ao cemitério, cujas campas e jazigos se encontravam profusamente juncados de flores.

— De Lisboa, onde esteve em tratamento clínico, regressou, completamente restabelecida, a s.ra D. Venância Delfina Gomes Calheiros de Sousa.

— De visita aos seus, esteve entre nós o nosso particular amigo sr. Bernardino Camanho de Carvalho, probro comerciante na Capital.

— Regressou à sua casa da cidade do Porto a bondosa sr.a D. Isolina de Moura Gomes. — (C.).

Penso, 8

Passou o dia de Finados dia de se ir ao campo da igualdade visitar e rezar pela alma daqueles que nos deram o ser e por amigos. As campas viam-se cheias de flores e as famílias aos pés com lágrimas recordando a saudade que nunca morre!..

Desastre — No dia 4, domingo, Oscar Esteves almoçou e jantou em companhia da sua querida Mãe. No fim lembrou-se de ir dar um passeio junto com amigos, no seu «cangalo», até ao Peso. Ao voltar para sua casa, próximo ao estabelecimento do Sr. Luís da Granja, apareceram-lhe outros com bicicletas.

O Oscar, para salvar outro matou-se. Foi socorrido no hospital de Melgaço, e depois seguiu para sempre!

Oscar Esteves, contava 26 anos de idade, era filho do meu velho amigo João Esteves, com a profissão de chauffer, e proprietário de automóveis em Lisboa, e de Generosa de Sousa Lobato, natural desta freguesia. O falecido era um rapaz dos melhores modelos, correcto e educado, um bom filho em toda a extensão da palavra. Causou grande pena em toda a gente.

O correspondente deste jornal de Penso, dá os sentimentos de pesar ao seu amigo João e aos seus dois filhos João e António que se encontram em Lisboa, e a toda a família que se encontra nesta.

O falecido que esteja junto com Deus e que descanse em paz.

Tempo — Tem estado bom para a recolha dos cereais e tudo que diz respeito ao lavrador. Agora há indícios de começar um rigoroso Inverno.

Tive o prazer de cumprimentar o nosso amigo António Fernandes Dias e Sr. Manuel Cordeiro Esteves, do Coto, que vieram da capital assistir às vindimas. Que sejam bem-vindos.

Por hoje fico-me por aqui — C.

Galeria do Clero

Valoriza este memorial o P.e Artur da Ascensão Almeida, natural de Monção, pároco de Penso, Melgaço.

Terminado o curso secundário e teológico no Seminário de Braga, o P.e Ascensão Almeida foi professor do Colégio de Ermesinde, consagrando-se também às lides da imprensa e da oratória.

Sabia pegar na pena, imprimindo vida e brilho aos seus artigos no *Diário do Minho*, na *Liberdade*, do Porto, me parece, e no *Notícias de Viana*, como podem testemunhar os leitores desses periódicos.

Quanto à oratória, nunca souo aos meus ouvidos a palavra sonora e vibrante do pároco de Penso; mas, segundo testemunhos fidedignos, o P.e Artur Almeida, falecido há poucos meses, era rico de dotes concionatórios, ficando alguns dos seus sermões e discursos bem vinculados no espírito dos auditórios, principalmente o sermão recitado por ocasião da travessia aérea sobre o Atlântico, realizada pelos arrojados aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, peça oratória que deu brado no Brasil, aonde chegaram os fortes ecos; e o discurso integrado nas homenagens prestadas, há anos, a Oliveira Salazar.

(P.e Joaquim Martins Torres, professor do Seminário em artigo do "Diário do Minho").

Gave, 8

O tempo e a agricultura — Com o tempo seco e bastante frio tem decorrido nesta freguesia os trabalhos de S. Miguel que estão quase terminados a não ser nos milhos mais serodios. A produção está ano, por cá, não foi das mais abundantes, no entanto, foi melhor do que se esperava. Graças a Deus.

Incêndio — No pretérito dia 28, pelas 22 horas, ardeu, quase por completo, a casa da s.ra Maria Gonçalves (Neves), do lugar dos Chãos, e os prejuízos que mesmo assim são avultados, muito mais seriam se não fosse a grande multidão de populares que, ali logo acorreram. Ter-se-iam evitado tantos estragos se não houvesse que trazer a água de tam longe.

Em tempos pensou-se e muito bem, em construir, no centro da freguesia um depósito de água para este fim.

Contudo, até hoje nada... Penam-se poucas... E que só lembra S.ta Bárbara quando tropeja!

Criança queimada — A menor Maria Fernandes, filha de Manuel Joaquim Fernandes e de Rosa Esteves, do lugar dos Chãos, estando só com um seu irmão em casa, caiu ao lume, tendo-se queimado bastante. Conduzida imediatamente ao Hospital concelhio veio a falecer no dia seguinte, dia 30.

Apresentamos cartão de sentido, pesames aos desditosos Pais.

Nova Residência — Estão-se a ultimar os trabalhos na nova residência paroquial, em ritmo acelerado. Sempre é desta vez que conseguimos chegar ao fim. Ainda bem.

Mês das Almas — Está a decorrer nesta freguesia, com grande assistência de fideis o Mês das Almas, prova evidente de que não somos o que por fora se diz, muitas vezes. Contestamos, energética e veementemente essa opinião.

...Ainda serei eu pessimista? Pensemos bem!

Cemitério — Afinal, ainda ninguém me respondeu acerca do novo cemitério. Continuo aguardando resposta, mas o que eu aguardava ainda com mais ansiedade era a conclusão deste grande melhoramento. Repito: qual é o ponto morto? E nada mais digo sobre este assunto pois *Sala após mel confisit*.

De viagem — Foi a Lisboa donde já regressou o sr. António Cúco, da Ferrão. Que tivessem boa viagem são os nossos desejos.

Ponte da Cela — Mais uma vez lembramos a urgente necessidade em que se encontra a ponte da Cela. Demorar mais tempo será perder tudo o que não será muito aconselhável.

Para mais não aborrecer...
Correspondente
a) José Maria Rodrigues

Da Vila

(Continuação da 2.ª página)

Morta em consequência de queimaduras — No Hospital da Misericórdia deste concelho, poucas horas depois de ali ter dado entrada, faleceu a menor de 2 anos Maria Esteves, filha de Manuel Joaquim Fernandes e de Rosa Esteves, da Gave, que nesta freguesia ficou muito queimada no corpo, em virtude de se lhe ter atestado o fogo ao vestuário, quando se aquecia à lareira.

O tempo e a agricultura — O glorioso S. Martinho este ano não se mostrou choramingas para conosco, pois mimoseou-nos com um "verão" que se prolongou durante quase todo o mês de Outubro e os primeiros sete dias deste mês, o que permitiu ultimar em boas condições a colheita dos milhos, os quais, de maneira geral, estavam melhores do que o que se esperava. De modo que, feitas bem as contas, pode agora cifrar-se o resultado do ano agrícola como: — abundante em vinho e castanhas, bom de milho e centeio, regular de batatas, farto em forragens e fraco em feijão. *Deo gratias*.

P.e José Maria Felgueiras «esfacelado» por um comboio

O acontecimento deu-se nos primeiros dias de Outubro, e a notícia deste jornal deu-se ainda, imprecisa.

A «Acção Missionária» dos Padres do Espírito Santo, de que o sinistrado é orçamento illustre, traz as informações que desejávamos prestar aos nossos leitores, pois que o pai tomou conhecimento deste sacerdote e sua família de sangue, quando a Santa Mãe, da casa da Seara, nas Taipas, foi agraciada pelo Santo Padre, cerimónia, que se verificou na Nunciatura Apostólica.

«A Acção Missionária» faz o seguinte relato:

«O rev. Padre José Maria Felgueiras que desempenha, em Espanha, o cargo de superior dos Padres do Espírito Santo, foi vítima de um trágico e misterioso desastre.

No dia 3 de Outubro, aniversário da sua ordenação sacerdotal, saíra de Madrid de comboio, em direcção a Paredes de Nava, onde funciona, há um ano, o Seminário de Preparatórios dos Padres do Espírito Santo. Acompanhava o rev. sacerdote, um pequeno que ia entrar no Seminário.

Na madrugada de 4 de Outubro, ao desembarcar na estação de Paredes, deu-se o trágico acontecimento: quando o bondoso sacerdote, já em terra, procurava correr ao pequeno, prestes a ficar esmagado pelo comboio, este, não se sabe de que modo (...) prendeu o Padre Felgueiras, arrastando-o durante algum tempo. Apesar dos esforços feitos, o heróico sacerdote não pôde impedir que, por um choque brusco contra a plataforma da estação, a perna direita se metesse debaixo das rodas do comboio que logo lha esmagou. Grande parte do seu corpo foi esfacelada.

Volvidos longos minutos, em que perdeu grande quantidade de sangue, foram-lhe ministrados os primeiros socorros e, logo depois, levado para o hospital de Palencia.

Volvido quase um mes em que tem estado entre a vida e a morte, os médicos, com esforço constante, tentam salvar-lhe a vida, foi cortado um braço.

Os médicos e quantos o visitam ficam muitíssimo admirados e edificadas ao ver a boa disposição do doente, aureolada por um quase perene sorriso que desabrocha em seus lábios rassequidos por uma sede abrasadora.

Aos nossos prezados amigos e colaboradores pedimos orações para que Deus nos conserve, se essa for a Sua Vontade, sacerdote tão santo e vida tão preciosa. Ele, no leito de dor, abandonado confiadamente às mãos amorosas da Providência, oferece as dores e a vida pela ajuda jovem obra espiritual em Espanha, pelas Missões e pelo Mundo»

S. MARTINHO

padroiro dos Bêbedos?

Este é sem dúvida um dos Santos mais populares no nosso País nesta altura, em que nem falta a contento de todos o tão afamado «Verão» que conserva o seu nome.

Em dia de S. Martinho prova o teu vinho — diz o povo do Norte.

Pelo S. Martinho castanhas e vinho — diz o povo do Sul

E o mesmo povo pouco ou nada sabe destes adágios que vão rolando através dos séculos. Quantos não pensarão que S. Martinho só foi santo por gostar de vinho...

Não interessa se as suas virtudes se podem ou não adaptar à vida particular de cada um, mas apenas se vai invocando o seu nome às vezes sem um mínimo de respeito, para dar maior valor ao «deus Baco». E porquê afinal?

Diz a lenda: «Era S. Martinho bispo de Tours (França) quando se apresentou ao Imperador Máximo (no ano 333 d. Cristo) a solicitar a ajuda para edificar um mosteiro. O monarca recebeu-o com o mais profundo acatamento,

conferiu-lhe todas as distinções, sentou-o à sua mesa com as personalidades mais ilustres da sua corte, e deu-lhe a direita. Quando se principiaram a encher e a servir os copos, ordenou o Imperador que se entregasse ao Bispo o copo que tinha de lhe ser oferecido, (a ele não) a fim de lograr a honra de recebê-lo das suas mãos; e que todos com ele (monarca) dirigissem brindes, uma vez, bebendo à saúde do Bispo, em demonstração de regosijo por terem na sua presença um varão cheio de sabedoria, virtudes, e santidade provada. Isto foi, pois, o bastante para que os invejosos de tamanhas horas chamassem a bebedice — Martinhada; e os bebedores, fundados neste facto, tomaram por seu padroiro o Santo Bispo.

Terão os bebedores sido compensados por «tão grande» feito? Talvez não, porque S. Martinho foi um santo virtuoso e os bebedores são aquilo que todos conhecem.

Melgaço, 3-11-956.

CARLOS ALBERTO

Parada do Monte, 10

Terminou o mês do Rosário, com a igreja completamente cheia de fiéis que foram pedir à nossa mãe do Céu graças para os seus inales e pedir a Nossa Senhora pela paz do Mundo.

Foi no dia 28 próximo passado que se realizou nesta freguesia, a festa de Cristo Rei. A festa não teve música mas foi uma festa encantadora. A missa foi cantada pelos rapazes e raparigas desta freguesia, que desempenharam o seu papel, como sempre, muito bem. Na hora própria subiu ao púlpito o sr. P.e António Domingues que fez um eloquente sermão sobre a vida do Imaculado Coração de Jesus que muito agradou. Houve padres a confessar e quase todos se abeiraram da sagrada mesa. Seriam mesmo muitos poucos os que não se confessaram.

Foi no dia 2 que se realizou nesta freguesia, como em todas as terras a romagem ao Cemitério. Foi grande a concorrência de fiéis ao Cemitério, a derramar uma lágrima de sangue sobre a campada dos seus entes queridos. Não havia uma única sepultura que não estivesse engalanada com flores naturais e artificiais. E agora que entramos no mês das almas, devemos todos sem excepção de classe ou sexo rezar pelos nossos defuntos com muita devoção. Pois não há ninguém que não tenha lá os seus avós, pais ou mães, irmãos ou irmãs, parentes, amigos ou benfeitores, não há ninguém que não tenha lá uma pessoa a quem dirigir as suas preces. Lembremo-nos que teremos no purgatório, os nossos entes quecidos a pedir uma prece da nossa parte para se libertarem das penas.

Partidas — Para Casais partiu no dia 3, o Sr. Francisco Rocha e o Sr. Justino de Carvalho.

Nas inenito — Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr. Alzira Gonçalves, esposa do Sr. Teclano Fernandes, do lugar do Pereiral.

O tempo e a agricultura — Tem feito um tempo muito bom, mas no dia 6 à noite e no dia 7 fez um vento ciclónico que tombou muitas medidas de palha e destelhou as casas. Por agora não ha mais desastres a lamentar. As boas este ano ficaram sem semear, devido a não ir tempo de as queimar. Está-se procedendo à recolha do Sr. Miguel, que este ano parece que miuga em quase todas as propriedades. — C.

“Os cereais na exploração agrícola de Entre-Douro-e-Minho”

Foi este o título da conferência proferida no passado sábado no salão-cine da Exposição Agrícola do Porto, pelo eng. António Pereira de Lacerda, Director do Posto Agrário de Braga.

O illustre técnico, falando das principais culturas da região, e de processos para aumentar e melhorar as culturas, focou alguns

aspectos económicos e sociais da exploração da propriedade rustica, em vigor.

Este pequeno resumo fazemo-lo, tão sómente, para que o leitor medite as conclusões, sérias e oportunas que o eng. António Pereira de Lacerda apresentou, no final da sua conferência e que bem merece fundo estudo dos lavradores da região:

Estudo de sistema de arrendamento no Entre-Douro e Minho e de medidas tendentes ao estabelecimento em todos os casos de rendas justas que compensem os proprietários da terra e dêem possibilidades de vida desafogada aos caseiros.

Emparelhamento das propriedades de forma a serem criadas explorações agrícolas que tenham viabilidade técnica e económica.

Desenvolvimento da instrução profissional dos agricultores de forma a habilitá-los a receberem e compreenderem os progressos da técnica agrícola para sabermos produzir mais, por menor preço.

Fortalecimento da organização corporativa da Lavoura com presença activa de todos os agricultores.

Educação cooperativa dos lavradores, com o intuito de desenvolver entre todos um sã espirito de cooperação.

Financiamento, em grande escala, aos grémios da Lavoura, de forma a habilitá-los a adquirir

FAZ...

...hoje tres anos que faleceu, na Vila; a sr. D. Ana de Vasconcelos Mourão Passos;

...também faz no dia 20 sete anos que se finou, em Prado, a sr. D. Ermezinda Solheiro Esteves;

...e no dia 28 faz um ano que faleceu, na Vila, a sr. D. Emilia de La Salette Barros Durães. Que repousem em paz.

maquinaria agrícola que possa ser utilizada pelos seus sócios.

Fornecimento de adubos a prazo aos agricultores por intermédio dos Grémios de Lavoura de forma a eles poderem adubar convenientemente as suas culturas.

Desenvolvimento de certas culturas, de acordo com a ecologia da região, em rotações mais equilibradas do ponto de vista agropopulatório e que possibilitem a redução da mão de obra e a necessária mecanização.

Fixação de preços justos para os principais produtos da terra e para aqueles que os lavradores têm que adquirir para a sua exploração agrícola.

Produção, em grande escala, de milhos híbridos nacionais que melhor tenham produzido e a lavoura mais procura e de sementes melhoradas e certificadas de forragens, cereais, plantas hortícolas etc.

E, sobretudo, ampliação dos serviços de assistência técnica à Lavoura e dos serviços de investigação e de experimentação indispensável à Lavoura.

Por Paderne

Festividade em honra do SS. Sacramento — Foi no préterito dia 28, que se realizou nesta freguesia a festividade em honra do SS. Sacramento a qual foi abrilhantada pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, a qual sob a regência do seu illustre maestro Manuel de Moraes, executou algum do seu grande repertório.

Constou de missa cantada, comunhão de grande número de fiéis e primeira comunhão de algumas crianças.

Para este último acto muito contribuiu a Ex.ma Sr. D. Dulcina Gonçalves, filha, que foi incansável.

Ao púlpito subiu o Rev. do P.e Carlos Vaz, illustre arcebispo, que mais uma vez soube cativar, e mostrou quanto a sua palavra eloquente para o povo de Paderne é sagrada.

Todas as retransmissões foram feitas pelo auto-falante da Cabine Sonora Melgaocense, e que um dos seus proprietários Sr. Miguel Pinto, foi incansável para que tudo agradasse e corresse muito bem.

Embora a festa fosse de promessa, todo o povo de Paderne, salvo muito raras excepções muito contribuiu para a realização da mesma.

Visitante illustre — De passagem por vários postos da Secção e da Guarda Fiscal de Melgaço, tivemos o prazer de ver no Peso, o Ex.mo Sr. Capitão António Fernando Mendes, illustre Comandante da Companhia.

Que colhesse as melhores impressões desta linda terra são os votos ardentes do Correspondente.